

VIVENDO COM A PRÉ-HISTÓRIA: CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO ECOLÓGICO VEREDAS DA CAATINGA PARA A PRESERVAÇÃO DOS SÍTIOS RUPESTRES NO ASSENTAMENTO LAMEIRÃO, DELMIRO GOUVEIA – AL (2015-2019).

LIVING WITH PREHISTORY: CONTRIBUTIONS OF THE VEREDAS DA CAATINGA ECOLOGICAL GROUP TO THE PRESERVATION OF RUPESTRIAN SITES IN THE ASSENTAMENTO LAMEIRÃO, DELMIRO GOUVEIA – AL (2015-2019).

Carla Janine Vieira de Souza¹
carlajanine20@gmail.com

Flávio Augusto de Aguiar Moraes²
flavioaguiarac@gmail.com

Henrique Correia da Silva³
henriqueeeeeee@live.com

Maerla Moreira Silva Batista⁴
ms2helder@hotmail.com

RESUMO

A região Nordeste do Brasil dispõe de um significativo acervo do patrimônio arqueológico, e boa parte está situada em zonas rurais, onde a conscientização e a preservação dependem da inserção e participação da comunidade. Identificamos que no assentamento Lameirão, localizado no município de Delmiro Gouveia -AL, dispõe de um grupo de trilha (Veredas da Caatinga), formado por moradores locais no ano de 2016. Este grupo tem contribuído no cuidado dos sítios com pinturas rupestres nos perímetros do assentamento. Porém, faltavam-lhes, segundo os coordenadores, o conhecimento formal deste patrimônio para transmitir de modo seguro aos turistas. O Núcleo de Pesquisa e Estudos Arqueológicos e Históricos (NUPEAH) da UFAL Campus do Sertão, foi contactado para capacitar o grupo. Assim, o presente trabalho visa discutir a viabilidade da preservação de sítios arqueológicos a partir de iniciativas autônomas associadas a ações de capacitações formativas. Para tanto, usamos como metodologia a entrevista oral e questionário estruturado, buscando identificar as principais contribuições no desenvolvimento cultural do Veredas da Caatinga, durante sua atuação nas explicações aos turistas sobre os sítios arqueológicos. Os resultados das entrevistas informam que os guias, após o curso, desenvolveram maior segurança ao tratar dessa temática com os visitantes.

Palavras-chave: Educação Patrimonial; Sítio Rupestre; Comunidade; Universidade.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão.

² Docente do curso de História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão.

³ Discente do curso de História da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão.

⁴ Graduada em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão.

ABSTRACT

Given that in the Northeast of Brazil is the largest collection in archaeological heritage and that much is located in rural areas, where awareness and preservation depends on the insertion and participation of the community, we identified that in the settlement Lameirão, located in the municipality Delmiro Gouveia-AL, has a trail group (Veredas da Caatinga), formed by locals in 2016. This group has contributed to the care of the sites with cave paintings in the perimeters of the settlement. However, according to the coordinators, they lacked the formal knowledge of this heritage to transmit safely and correctly to tourists. The Center for Archaeological and Historical Studies and Research (NUPEAH) of UFAL Campus do Sertão, was contacted to train the group. Thus, the present work aims to discuss the viability of the preservation of archaeological sites from autonomous initiatives associated with training actions. Therefore, we used as methodology the oral interview and structured questionnaire, seeking to identify the main contributions in the cultural development of the Veredas da Caatinga, during its performance in explaining to tourists about the archaeological sites. The results of the interviews inform that the guides, after the course, developed more security when dealing with this theme with the visitors.

Keywords: Heritage education; Rock Site; Community; University.

INTRODUÇÃO

BREVE HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO LAMEIRÃO, DELMIRO GOUVEIA – AL

O assentamento Lameirão, localizado na cidade de Delmiro Gouveia (figura 1), sertão de Alagoas, possui uma riqueza exuberante e de valor inestimável, tanto em sua paisagem, constituída pelo bioma da caatinga e pelo rio São Francisco, que banha toda a região, bem como as belezas arqueológicas, sobretudo a arte rupestre.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO LAMEIRÃO, DELMIRO GOUVEIA - AL.

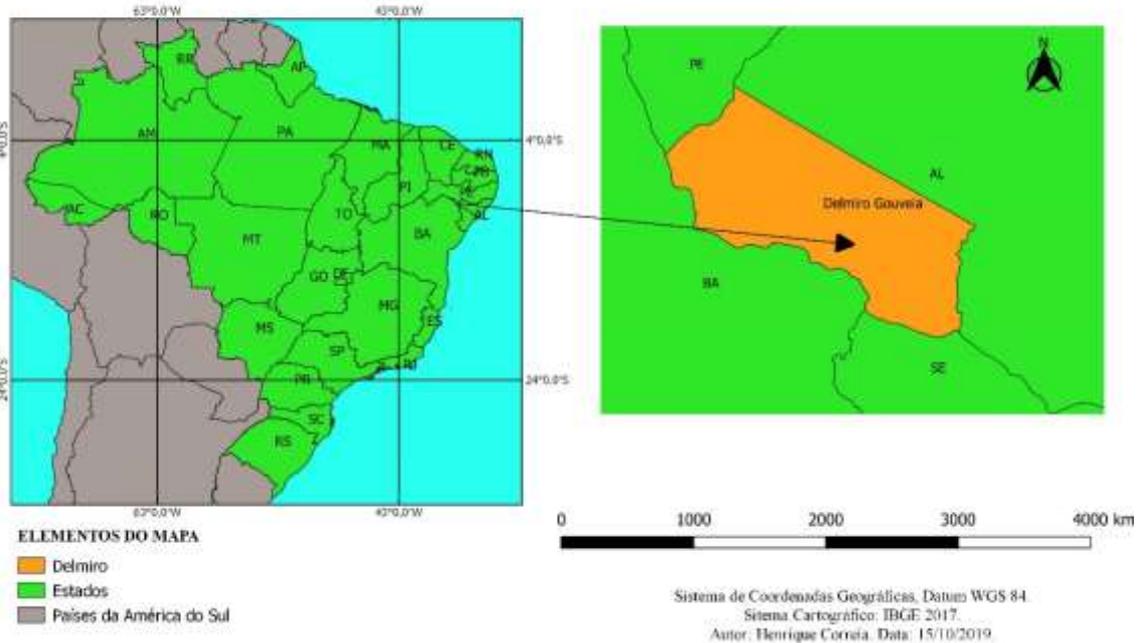


Figura 1. Localização do Município de Delmiro Gouveia.

O Lameirão é fruto das lutas e organizações dos povos rurais de Alagoas, em específico, da população do campo do alto sertão alagoano. Vale salientar que antes da formação do assentamento Lameirão, os agricultores e agricultoras ocuparam a fazenda Peba, localizada em Delmiro Gouveia, sertão de Alagoas, marcando, de acordo com Oliveira da Silva (2019):

[...] uma experiência de luta pelo direito a posse da terra no Sertão de Alagoas [...]”. Sendo assim, os primeiros resultados das ações de homens e mulheres do campo é datado de [...] janeiro de 1987, marco do início das primeiras ocupações de terras na região, quando mais de 66 famílias ocuparam a referida fazenda. (OLIVEIRA DA SILVA, 2019:17).

Após essa experiência acerca das posses das terras do alto sertão do Baixo São Francisco, as lutas intensificaram-se e, por volta de 1989 é instituído o assentamento Lameirão. Ainda, segundo Aline Oliveira (2019):

[...] a constituição do assentamento se deu entre os anos de 1987 e 1989, quando teve início a experiência de ocupação da fazenda Pebá, depois desdobrada, a partir de 1989, na desapropriação e estruturação do Assentamento Lameirão, até 2014, quando o referido assentamento, após um processo de efetivação de parte de suas reivindicações, alcança o seu primeiro quarto de século. (OLIVEIRA DA SILVA, 2019:18).

Portanto, o assentamento supracitado faz parte das lutas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais travadas no Estado de Alagoas pelo direito à terra, pela Reforma Agrária. Diante disso, torna-se indispensável trazer para esse debate historiográfico, testemunhos de sujeitos que ajudaram/ajudam a construir o assentamento, e conseqüentemente tem contribuído na preservação dos sítios arqueológicos de registro rupestre existentes nos perímetros da área demarcada.

Por meio de uma pesquisa qualitativa aplicada no assentamento Lameirão com um grupo de turismo ecológico denominado Veredas da Caatinga, pudemos identificar alguns aspectos importantes sobre o assentamento, principalmente em relação a sua constituição, o que reforça ainda mais a discussão acerca da experiência da luta pela terra no alto sertão alagoano.

Logo, de acordo com a entrevista cedida por uma moradora local, e integrante do grupo Veredas da Caatinga:

O assentamento é o segundo ocupação de terras feito pelo MST no estado de Alagoas, em 89. [...] A posse da terra, ela saiu junto com a primeira ocupação e as pessoas que vinheram pra cá, pro lameirão, é oriunda [...] da primeira ocupação e da segunda ocupação de terras [...] feita em Alagoas que se juntaram aqui no... no Lameirão...

Ademais, podemos mencionar, além das memórias acerca da gênese do assentamento Lameirão, a existência de uma grande quantidade de sítios arqueológicos, especialmente de registro rupestre, aproveitado, nesta ocasião, como veículo de desenvolvimento turístico com ações educativas.

A ARTE RUPESTRE NO NORDESTE BRASILEIRO

Para além dessa história de luta, o assentamento Lameirão conta com uma enorme fonte de estudos na área da arqueologia, particularmente de grafismos rupestres pré-históricos, com alta concentração de sítios de pinturas rupestres. Para entender melhor acerca dos sítios de registros rupestres, Madu Gaspar (2006) enfatiza que os grafismos estão divididos em gravuras e pinturas rupestres, na qual:

[...] as gravuras podem ser elaboradas através do picoteamento ou incisão; já as pinturas foram realizadas por meio de diversas técnicas: algumas, com a fricção de um bloco de pigmento seco e duro na pedra; outras com o uso de um pincel feito de galhos de árvores; em outros casos, a pintura foi feita com o próprio dedo ou o pigmento foi transformado em pó e soprado na rocha. (GASPAR, 2016:15)

A região Nordeste do Brasil é um território amplamente farto em arte rupestre pré-histórica, sendo de uma diversidade, complexidade e beleza imensurável (MARTIN, 1999). De acordo com Gabriela Martim e Irma Asón (2000:99), apesar de ser considerada uma região adversa à ocupação humana, na região semiárida do Nordeste do Brasil, desenvolveu-se significativas “[...] representações rupestres pintadas e gravadas em abrigos e paredes rochosas situadas perto de cursos d’água [...]”.

Os registros rupestres devem ser vistos e estudados como uma das variáveis do contexto arqueológico, sendo difícil explicar seus significados quando não são traduzíveis por si mesmos e complexos quanto ao processo de interpretação. Sendo assim, existem pesquisas que atribuem os espaços usados para a confecção dos grafismos, podendo assim, ajudar na identificação das culturas pretéritas brasileiras. Georgio Souza (2004:83) diz que “[...] no Brasil, alguns estudiosos da arqueologia como Pessís (1989), Martin (1999), Guidon (1991a;b), Silva (1999) e muitos outros, desenvolveram uma linha conceitual e metodológica sobre o "universo simbólico", estudado através dos registros rupestres.”

De acordo com Carlos Etchevarne (2000), as pesquisas arqueológicas nordestinas se deram a partir de 1960 com pesquisadores de diversas regiões do país, como Gabriela

Martín na década de 70 com estudos sobre populações pré-coloniais do Nordeste, realizando pesquisas nos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba. Outro nome renomado e que também iniciou seus trabalhos na década de 70 foi Niède Guidon com estudos voltados para a antiguidade da presença humana na América. Assim como essas duas pesquisadoras, podemos citar também Valentín Calderón com trabalhos iniciados em 1960 no estado da Bahia. Destarte, se encontra no Nordeste do Brasil⁵ os mais representativos sítios com enorme variedade de grafismos rupestres, tornando-se uma das regiões mais importantes para o contexto arqueológico do país. E de acordo com Madu Gaspar (2006):

Até 1992 já tinham sido descobertos 364 sítios com pinturas e ou gravuras rupestres e cadastradas cerca de 40 mil figuras feitas por grupos pré-históricos. Anne-Mrie Pessis e Niède Guidon, apoiando-se em modelo da lingüística, consideram que os grafismos funcionam como verdadeiros sistemas de comunicação social e que as tradições de pintura e gravura poderiam ser comparáveis a famílias linguísticas, na qual línguas distintas evoluem. (GASPAR, 2016:66)

Anne-Marie Pessis e Niède Guidon (1992:19) pesquisaram sobre temas que tratam sobre os grafismos rupestres do Nordeste, afirmando que as inscrições rupestres brasileiras e sua elaboração foram feitas por etnias pré-históricas e que “a prática gráfica com aplicação de corantes nas paredes de abrigos e sobre afloramentos rochosos existe desde o pleistoceno⁶ final”.

Sendo assim, M. Gaspar (2006:66) enfatiza que as autoras supracitadas defendem que os achados rupestres no Nordeste são “como verdadeiros sistemas de comunicação social e que as tradições de pintura e gravura poderiam ser comparáveis a famílias linguísticas, na qual línguas distintas evoluem”. Desta forma, surgem classificações e estilos denominados de acordo com as técnicas e formatos dos desenhos

⁵ Os estudos e pesquisas de registros rupestres no Nordeste do País, em específico no Piauí, região que possui um dos principais sítios arqueológicos do Brasil, sendo conduzido pela Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM).

⁶ “O Pleistoceno: Todos os achados datando de pelo menos 12 mil anos atrás e sendo, portanto, de culturas adaptadas a condições naturais bem diversas das atuais” (PROUS, 1992, p.112).

retratados a partir da sua localização, período cultural e histórico, denominados como tradições⁷ agreste⁸, nordeste⁹, geométrico¹⁰, subtradição¹¹ e estilo¹².

Por sua vez, a noção de tradição que são atribuídos ao processo/práticas de repetição de registros rupestres por um grupo cultural em determinado espaço geográfico (grandes regiões rupestres) e período, é ressaltado por André Prous (1992), dizendo que:

[...] se reconhecemos grandes tradições regionais, suas manifestações podem se misturar ou se superpor, particularmente nos territórios fronteiriços, por exemplo no estado de Goiás. As unidades rupestres receberam nomes variados, sendo que a categoria mais abrangente é geralmente chamada de 'tradição', implicando uma certa permanência de traços distintivos, geralmente temáticos. 'Estilos' são frequentemente definidos como subdivisões (Prous, Guidon), particularmente a partir de critérios técnicos, enquanto que, nas regiões mais estudadas ou mais complexas, a necessidade de chegar até um nível suplementar levou N. Guidon a considerar 'variedades' e A. Prous 'fácies', que correspondem ao mesmo tipo de realidade. (PROUS, 1992: 511)

Assim sendo, como paredões ou qualquer superfície utilizada para a confecção de grafismos estão sujeitos a alterações antrópicas, intempéries e outros, Madú Gaspar (2006:61-62) fala que é “possível correlaciona-los aos materiais arqueológicos recuperados no solo” e “um dos requisitos básicos para estabelecer tal correlação é entender o processo de ocupação da região onde está o sítio ou conjunto de sítios.” Logo,

⁷ Tradição: “[...] compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios [...]” (MARTIN, 1996, p. 214)

⁸ Tradição Agreste: “[...] caracterizada pela predominância de grafismo reconhecíveis, particularmente da classe das figuras humanas, sendo raros os animais. Nunca aparecem nas representações de objetos nem figuras de fitomorfos. Os grafismos representando ações são raros e retratam unicamente caçadas. As figuras são representadas paradas, não existindo nem movimento nem dinamismo. [...]” (PESSIS, 1992, p. 44)

⁹ Tradição Nordeste: “[...] integrada pela presença de grafismos reconhecíveis (figuras humanas, animais, plantas e objetos) e grafismos puros, os quais não podem ser identificadas. [...]” (PESSIS, 1992, p. 43)

¹⁰ Tradição Geométrica: “[...] caracterizada por pinturas que representam uma maioria de grafismos puros, figuras humanas e algumas mãos, pés e reptéis extremamente simples e esquematizadas.” (PESSIS, 1992, p. 44)

¹¹ Subtradição: “[...] termo introduzido para definir o grupo desvinculado de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferentes, que implica na presença de elementos novos.” (MARTIN, 1996, p. 215)

¹² Estilo: Para Pessis e Guidon (1992), “[...] o estilo é a classe mais particular decorrente da evolução de uma subtradição, segundo as variações da técnica e da apresentação gráfica, com inovações temáticas que refletem a manifestação criativa de cada comunidade.” (MARTIN, 2008, p. 235)

“caracterizar os diferentes grupos e estabelecer sua ordenação temporal é um passo fundamental na pesquisa para poder associar os grafismos aos demais testemunhos arqueológicos.”

Vale notar ainda, de acordo com Brito (2017:30), que há uma escassez de informações/pesquisas sobre o contexto arqueológico de pinturas rupestres no Estado de Alagoas, em que pese o fato de alguns trabalhos se debruçarem sobre essa temática (ZANETTINI, 2007, 2009; GUEDES, 2015). Os trabalhos na área são recentes e boa parte das pesquisas aconteceram de forma pontual.

OS SÍTIOS COM PINTURAS RUPESTRES NO ASSENTAMENTO LAMEIRÃO EM DELMIRO GOUVEIA, AL E O APROVEITAMENTO TURÍSTICO

As atividades do grupo Veredas da Caatinga, além da abordagem com enfoque nas questões ecológicas da caatinga e suas especificidades, também realiza uma breve apresentação dos sítios arqueológicos, em especial o sítio do Platô e o sítio do Dito.

O Assentamento Lameirão dispõe de um ecossistema de beleza exuberante, e possui diversos afloramentos com registros rupestres. Essas características associado a formação do grupo Veredas da Caatinga, tem contribuído de forma significativa para a comunidade no que se refere uma nova forma de ampliação da renda em virtude de das atividades turísticas. Um integrante do grupo Veredas da Caatinga expõe uma preocupação recorrente da comunidade, “[...] a minha preocupação era evitar o êxodo rural porque os jovens era esperando completar 18 anos pra ir embora, e a gente com essa preocupação, nois tava ficando com o Lameirão uma comunidade de velhos, só de idosos, porque os jovens tava indo embora.”

Por sua vez, a atribuição do turismo ao patrimônio arqueológico, tornou-se uma prática comum em diferentes regiões e países, que vão além de uma fonte de recursos financeiros. P. P. Funari (2015) diz que o aproveitamento turístico não deve estar apenas ligado à ação econômica na acepção estreita e tradicional do termo, mas deverá estar pautado também em políticas culturais que busquem envolver as comunidades de forma a fazer com que os bens arqueológicos adquiram sentido para elas.

Sendo assim, além da apresentação da caatinga e sua importância aos visitantes/turistas, os sítios rupestres complementaram o contexto de trilha fornecida e contribuiu para essa nova perspectiva/alternativa de renda para a comunidade do Lameirão, estimulando consequentemente a valorização cultural dos sítios arqueológicos existentes no perímetro do assentamento.

Através dos estudos e caracterizações realizadas pela equipe do Núcleo de Pesquisas e Estudos Arqueológicos e Históricos (NUPEAH), com apoio do grupo Veredas da caatinga, foi possível realizar uma identificação prévia dos grafismos de alguns sítios existentes no percurso da trilha, por exemplo, o sítio do Dito, com 70 grafismos caracterizados entre reconhecível e irreconhecível (gráfico 1 e figuras 2, 3 e 4).

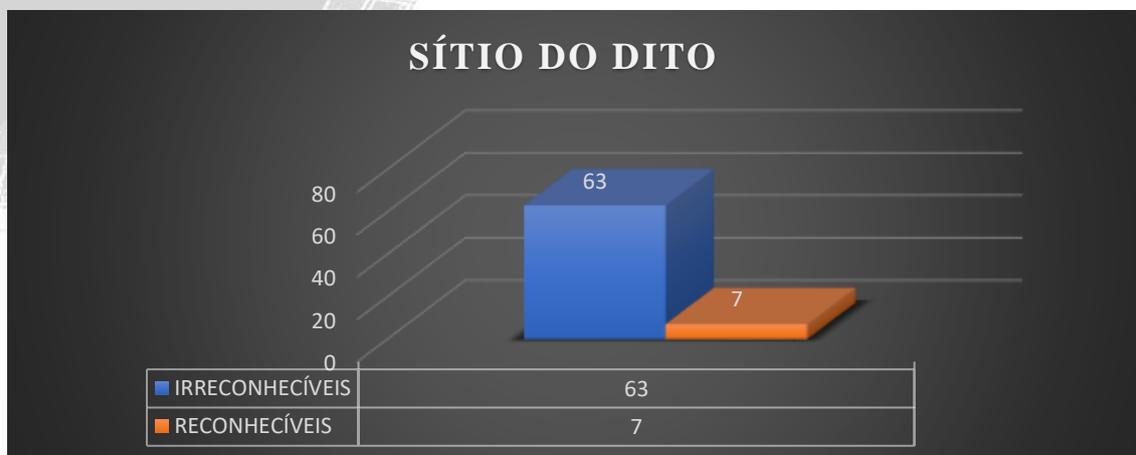


Gráfico 1 - Apresentação gráfica dos grafismos reconhecíveis e irreconhecíveis



Figura 2: Antropomorfo reconhecível com braços erguidos, estático e agrupado. Sítio do Dito (2019). Acervo NUPEAH



Figura 3: Zoomorfos com elementos gráficos diferentes, estático e reconhecível. Sítio do Dito (2019). Acervo NUPEAH



Figura 4: Grafismo puro com traços não reconhecíveis. Sítio do Dito (2019). Acervo NUPEAH

Todas as informações coletadas durante o levantamento arqueológico nos sítios de registro rupestre presentes na área do assentamento foram compartilhadas nas ações de capacitação com os guias do grupo Veredas da Caatinga.

ANÁLISE DAS AÇÕES DE CAPACITAÇÃO FORMATIVA DO GRUPO VEREDAS DA CAATINGA NO ASSENTAMENTO LAMEIRÃO SOBRE GRAFISMOS RUPESTRES

De acordo com informações dos moradores locais, o grupo Veredas da Caatinga foi criado a partir de uma investida do grupo PAS (Plano de Ação Socioambiental) da CHESF, no ano de 2011. Segundo o programa da CHESF (2006:1), “o plano tem como princípios a educação ambiental e a educomunicação socioambiental, onde são definidas, a partir do trabalho coletivizado, ações voltadas para as questões de preservação ambiental [...]”, que se estende pela Bahia, Pernambuco e Alagoas, onde a cidade de Delmiro Gouveia-AL está incluída e o grupo de assentados do Lameirão (hoje grupo

Veredas da Caatinga) teve acesso para capacitar-se em projetos. Logo, de acordo com M^a Rosângela:

[...] O PAS” da Chesf [...] (Plano de Ação Socioambiental) chamou a comunidade pra uma reunião na cidade, na qual eu fiz parte, e eu fui fazendo parte do grupo do “PAS” e teve um projeto do “Paz” que era de capacitação, de projetos, de aprender a fazer projeto [...] aí foi quando me veio um estalo de fazer turismo. Eu digo: ah, então a gente pode fazer de turismo? Pra turismo? Aí ela falou que podia, aí a gente fez [...].

Sendo assim, o grupo recebeu de início um projeto de capacitação com oficinas de condutores baseado nos programas do PAS, como um dos primeiros passos para a formação do grupo de turismo ecológico Veredas da Caatinga, e conforme o programa da CHESF (2006:2), está incluído a “Conservação dos recursos naturais e recuperação de áreas degradadas; Fortalecimento institucional e sustentabilidade e Educação, arte, cultura e meio ambiente.”

Por sua vez, como já citado, a atribuição dos sítios rupestres ao contexto de trilhas ecológicas não era trabalhada de forma aprofundada (cientificamente), gerando necessidade de aperfeiçoamento teórico do contexto rupestre existente na região. Pois segundo uma integrante do Veredas da Caatinga (2019):

[...] quando a gente começou a levar as primeiras pessoas, a gente sabia que era sítio arqueológico [...] mais a gente não sabia falar nada disso, então as meninas que estudavam em Ibimirim, [...] elas conheceram um [...] menino lá [...] do vale do Catimbau que [...] é em Pernambuco, que trabalha também com [...] turismo, aí a gente convidou ele para dar uma oficina aqui, e ele foi falando [...] das importâncias dos sítios, e o que era sítio agreste e sítio nordeste[...]

Posteriormente, o Veredas passou por capacitações sobre a importância e caracterizações dos sítios arqueológicos em parceria com o NUPEAH, realizando estudos arqueológicos e educação patrimonial, como importante meio de conscientização, valorização e preservação do patrimônio arqueológico.

O estudo do patrimônio e a socialização do conhecimento em arqueologia é indispensável quando se trata em trabalhar com o patrimônio cultural arqueológico, principalmente quando este é utilizado como instrumento de desenvolvimento turístico, como no caso do assentamento Lameirão, onde o grupo Veredas da Caatinga passou a desenvolver após as capacitações, ações de cunho educativo acerca do contexto rupestre aos visitantes da região, sejam turistas de outras localidades, da comunidade, sejam de grupos escolares ou mesmo da universidade.

Portanto, a importância da educação patrimonial vai além dos cumprimentos da lei, mas sim, disseminar o conhecimento para a própria comunidade, sensibilizando-os sobre o contexto de preservação e conservação, na qual a comunidade é o principal responsável pelo cuidado e valorização dos sítios rupestres. Por sua vez, como afirma Santos (2015):

A educação patrimonial não deve ser aplicada como forma de reprodução de conceitos e mecanização de ações, as emoções devem fazer parte desse momento, a construção coletiva, as identificações coletivas, os pertencimentos - no plural mesmo, devem expressar uma participação, uma preocupação para além do momento em que as atividades descritas em manuais estão sendo passadas, é necessário ressignificar essas ações para que elas passem a prática no cotidiano dos que devem ser os guardiões desse patrimônio. (SANTOS, 2015:63)

Desta maneira, o NUPEAH, através da Educação Patrimonial, proporcionou ao grupo Veredas o conhecimento de como eram realizados os grafismos rupestres pelos povos do passado, as ações climáticas e antrópicas que podem afetar o contexto histórico dos afloramento de pinturas, fazendo com que a própria comunidade se sensibilize para o mantimento e cuidado dos sítios de grafismos rupestres (pinturas e gravuras). Após a realização das oficinas educativas, em conversa com um integrante do grupo Veredas, eles passaram a ter essa noção da importância da preservação, porém, a comunidade no geral, ainda está galgando no sentido conservação/preservação, agindo de forma indireta. Como afirma a integrante acima referida, “[...] o interesse deles é em não deixar outras pessoas entrar, então eles fazem o papel de fiscalizar também, porque eles tão [...] nas áreas, nos caminhos onde vai para lá.”

RESULTADOS E APONTAMENTOS

Conforme entrevista cedida, foi possível constatar que através das capacitações e oficinas realizadas pela equipe do NUPEAH, o grupo de trilheiros passou a identificar as imagens apresentadas de acordo com as designações estabelecidas nas análises científicas, ou seja, tradição Agreste, tendo assimilação com figuras de antropomorfo (figura 1), representações de animais denominadas como zoomorfos (figura 2) e grafismos puros (figura 3). Destarte, as atividades educativas possibilitaram ao grupo Veredas a percepção mais aprofundada acerca da importância do patrimônio arqueológico na região do baixo São Francisco, e no assentamento Lameirão. Uma das características do entorno das áreas dos sítios é a preservação da vegetação, fator que contribui para a proteção das ações do intemperismo. Uma moradora local ressalta que perceberam alterações realizadas pelo homem nas imediações dos sítios rupestres, afirmando que:

[...] antes os sítios tava meio escondido lá, o pessoal é [...] caçador, [...] os agricultores que iam procurar seus animais, eles viam os sítios, mais eles estavam mais escondidos pra lá. A gente percebeu [...] no início que o povo levava muito lixo, nois colhemos lá no sítio dois sacos de lixo, [...] que estavam dentro do saco, não era solto, [...] como é que as pessoas levaram o lixo e deixaram lá, né!?

Desta forma, entende-se que os integrantes do grupo Veredas da Caatinga desempenham um importante papel na atuação da preservação do desse patrimônio arqueológico, e as atividades educativas reforçaram o desempenho desses agentes, pois segundo a afirmação da coordenadora do grupo Veredas, Rosângela, o [...] que aumentou foi que a gente tá recebendo um público mais, mais responsável [...] e por iniciativa deles, porque antes era a gente [...] que ia lá e chamava as pessoas, convidava as pessoas para vim, e hoje não!”

Portanto, a Educação Patrimonial torna-se uma importante ferramenta que deve ser transversalmente conduzida através de conversa entre os profissionais da arqueologia e a comunidade do perímetro onde os sítios arqueológicos estão situados. Segundo

Cardozo (2015:1069) “De qualquer forma, seja material ou imaterial, o patrimônio [...] é sempre o resultado da ação humana e, logo, deve ser democratizada a apropriação destes patrimônios para toda a população, num projeto educacional mediado pelo turismo.”

CONSIDERAÇÕES

Fica evidente a relevância da manutenção de uma relação de proximidade entre comunidade acadêmica e a comunidade que habita nas áreas de entorno onde situa-se o patrimônio arqueológico, num sentido de transversalidade, pois nenhum conhecimento deve ser sobreposto ao outro, já que a identificação e caracterização dos sítios arqueológicos só foi possível graças aos moradores do assentamento Lameirão que em suas andanças caatinga adentro se depararam com esses painéis que apresentavam “manchas vermelhas” e chamou a atenção..

O trabalho do grupo de turismo ecológico Veredas da Caatinga vem contribuindo para o reconhecimento, preservação e conservação dos grafismos rupestres pré-históricos do baixo São Francisco, principalmente os registros de pinturas rupestres.

Há uma grande preocupação por parte dos trilheiros em resguardar os sítios, pensando na posteridade e principalmente no valor cultural, tornando acessível à comunidade no geral e aos turistas uma percepção mais crítica dos bens arqueológicos, dos seus sentidos e significados. Isso é percebido na fala de um dos integrantes, quando diz: “[...] porque a gente tem o cuidado de não danificar porque é história, né? [...] a preocupação da gente é o que a gente vai deixar daqui pra mil, cinco mil anos na frente, e [...] essas pessoas deixaram alguma coisa pra gente, então a gente tem que preservar pra durar mais tempo.”



REFERENCIAS

BRITO, José Aparecido Moura de. 2017. **Sítios Arqueológicos de Pinturas rupestre em Inhapi-AL- Um estudo comparativo**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão – Curso de Licenciatura Plena em História, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História. Alagoas.

FUNARI, Pedro Paulo. 2015 . **Arqueologia**. 3. ed. 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto.

ETCHEVARNE, Carlos. 2000. A Ocupação Humana no Nordeste Brasileiro antes da Colonização Portuguesa. Revista USP, São Paulo, n. 44, p. 112-141, dezembro/fevereiro 1999 – 2000, p. 116. Disponível em: <file:///C:/Users/NUPEAH/Downloads/30097-Texto%20do%20artigo-34938-1-10-20120706.pdf> . Acessado: 25/09/2019.

GASPAR, Madu. 2006. **A arte rupestre no Brasil**. – 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MARTIN, G. (2008). **A Pré-história do Nordeste**. Pernambuco: Editora UFPE.

Patrimônio Arqueológico – AL. (2014) Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/538/>. Acessado em: 05/09/2019.

GUEDES, C.M. Rock-art research at Sertão Alagoano: the Cosmezinho site (CZ). R. Museu Arq. Etn., 25: 215-230, 2015.

MELO, Alessandro de, CARDOZO, Poliana Fabiula. **PATRIMÔNIO, TURISMO CULTURAL E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. Educ. Soc.** vol.36 no.133 Campinas Oct./Dec. 2015.

PESSIS, Anne-Marrie; GUIDON, Niède. 1992. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In:_____ VIDAL, Lux (org). **Grafismo indígena**. Estudos de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp/ Edusp.

Plano de Ação Socioambiental – PAS. Disponível: <https://www.chesf.gov.br/sustentabilidade/StyleLibraryCanal/MeioAmbiente/TextoPAS/Rio20040612x.pdf>. Acessado em: 05/09/2019

PROUS, A. 1992. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

SANTOS, Sergiana Vieira. 2015. **O Patrimônio e a Construção do Pertencimento: Um Estudo de Caso Acerca da Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Anjos**. Penedo – AL. (2012 – 2014). Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão – Curso de Licenciatura Plena em História, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História. Alagoas.

SILVA, Maria Rosângela dos Santos. 2019. **Coordenadora do Veredas Entrevistada por Carla Janine Vieira de Souza, Henrique Correia da Silva e Maerla Moreira Silva**, em 17/08/2019. Acervo Núcleo de Pesquisa e Estudos Arqueológicos e Históricos (NUPEAH), UFAL, Campus do Sertão.

SOUZA, Georgio Célio da Silva. 2004. **Análise historiográfica da arqueologia na perspectiva dos registros rupestres pré-históricos**. Natal. Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, como requisito parcial à conclusão do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Zanettini Arqueologia. 2007. **Programa de Diagnóstico e Ações Emergenciais em Sítios Rupestres, municípios de Olho D'Água do Casado e Delmiro Gouveia, Alagoas**. Relatório Final apresentado à 17ª Superintendência Regional do IPHAN (não publicado).

Zanettini Arqueologia. 2009. **Programa de mapeamento, cadastro e conservação dos sítios de arte rupestre do Baixo São Francisco – Etapa 1. Pão-de-Açúcar**. Relatório Final apresentado á 17q superintendên

